

O Partido que Parou no Kremlin

Publicado em 2025-05-16 12:35:28



Ou como o PCP se tornou o último museu vivo da Guerra Fria

Há coisas que resistem ao tempo: as pedras de Monsanto, o cheiro a bacalhau no Natal e... o PCP.

Sim, o glorioso Partido Comunista Português, que em tempos arrastou multidões e recitou “A Internacional” com lágrimas nos olhos e cravos na lapela, hoje é **uma relíquia estalinista a tentar passar-se por alternativa política**. É como assistir a um fax a tentar competir com o TikTok.

Um congresso, duas bandeiras e três fiéis

O que dizer de um partido que ainda chama “camarada” a quem discorda com menos de 60 anos? Que ainda acredita que há um proletariado fabril à espera de ser libertado por um comité central de bigodes e boinas? Que insiste que Putin é apenas “incompreendido pelo Ocidente imperialista”?

Enquanto os jovens do mundo discutem transição energética, inteligência artificial ou direitos digitais, o PCP fala de “revogação da ofensiva capitalista” com o entusiasmo de quem lê atas em papel reciclado da URSS. **É a única força política do século XXI que ainda vive em 1976**

— e, ironicamente, a sua visão do futuro é a continuação indefinida desse passado.

Os amigos de Putin, os silêncios ensurdecedores

Nada diz mais sobre o atual estado do partido do que o seu desconfortável silêncio quando a Rússia invade a Ucrânia. Um silêncio “pensado”, diziam. Sim, pensado... com vodka e um retrato do Lenine a abençoar.

É que o PCP, na sua fidelidade geométrica ao antiamericanismo, foi-se tornando **prisoneiro da sua cartilha binária**: se é contra os EUA, então é bom. Mesmo que bombardeie civis, proíba partidos e mande opositores beber chá radioativo. O importante é resistir ao “imperialismo ocidental”. Mesmo que, para isso, tenha de se ajoelhar perante outro império — mais mafioso, menos disfarçado.

Um partido com futuro... no Museu de Etnologia

Hoje, o PCP é mais um ritual do que uma força. Tem os seus feriados próprios, a sua simbologia, os seus mitos, o seu dialeto (“massas populares”, “aliança de classe”, “papel do coletivo”). A cada eleição, perde votos mas mantém a liturgia. É como uma missa num dialeto extinto, onde todos já abandonaram a fé, mas ninguém ousa apagar a vela.

É o partido dos afetos à ditadura proletária e da saudade dos tempos em que o Muro de Berlim era “uma muralha de paz”.

Conclusão: os humoristas não têm hipótese

Vivemos num país tão anedótico que o humor político já não é vanguarda — **é redundância**. Quando um partido sério saúda a Coreia do Norte como “experiência revolucionária” e ignora crimes de guerra com um franzir de sobrelhas, **o humorista fica sem emprego e sem punchline**.

Portugal tornou-se a única democracia onde a sátira tem medo de parecer demasiado verosímil.

Nota final:

O PCP não morreu. Está mumificado em congresso permanente. Espera apenas que alguém lhe diga, com ternura: “Camaradas, o socialismo real foi cancelado. Mas há sempre lugar para vocês... num documentário.”

Por Augustus Veritas Lumen